

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO

**BRASIL HOLANDÊS, A NOVA HOLANDA:
Reflexos da cultura holandesa no nordeste brasileiro**

MATHEUS PEREIRA GOULART BASTOS

Rio de Janeiro
2014

MATHEUS PEREIRA GOULART BASTOS

**BRASIL HOLANDÊS, A NOVA HOLANDA:
Reflexos da cultura holandesa no nordeste brasileiro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico de Nível Médio em Saúde com habilitação em Gerência em Saúde.

Orientadora: Nicole Regine Garcia

Rio de Janeiro
2014

MATHEUS PEREIRA GOULART BASTOS

**BRASIL HOLANDÊS, A NOVA HOLANDA:
Reflexos da cultura holandesa no nordeste brasileiro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico de Nível Médio em Saúde com habilitação em Gerência em Saúde.

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Nicole Regine Garcia, EPSJV/Fiocruz

Paulo Henrique Barbosa de Andrade, EPSJV/Fiocruz

Jose Roberto Franco Reis, EPSJV/Fiocruz

AGRADECIMENTOS

Agradeço pela conclusão desta monografia primeiramente a Deus e a todas as pessoas que foram muito importantes no processo desta. À minha família que sempre estive me apoiando durante toda a minha vida acadêmica, estando ao meu lado nos momentos difíceis e aconselhando todos os meus passos.

Depois aos meus amigos, especialmente meus melhores amigos e irmãos Igor Vellozo e Rebeca Rigueira, pois sempre estiveram comigo e ajudando a suportar as situações mais difíceis e diversas. Ainda, Cheyenne Pereira, David Fernandes, Lucas Tavares e Renan de Almeida, sempre me alegrando e ajudando a levar meus dias na escola. Também á Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio pelas oportunidades que seu projeto pedagógico me ofereceu.

Por fim, agradeço ainda a minha orientadora, Nicole Regine Garcia, que esteve, pois, além de me orientar, me aconselhou para as situações da vida, contando suas próprias experiências. E a professora Carolina Dantas, pelos estudos que me aconselhou a fazer, o que contribuiu significativamente para a elaboração do meu trabalho.

Por fim, agradeço também o auxílio dado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio e a todas as pessoas que mesmo não citadas também contribuíram de alguma forma ainda quando foram contrárias a mim.

RESUMO

A presente monografia vai trazer um estudo sobre o que foram as invasões holandesas no Brasil no século XVII, mais precisamente em duas oportunidades: a primeira entre 1624-1625 e a segunda entre 1630-1654, ambas no nordeste brasileiro. Através de estudos sobre a história colonial do país, esta pesquisa vai procurar mostrar também alguns dos legados culturais deixados pelos neerlandeses e de que maneira elas influenciam o povo local nos dias atuais. Além de trabalhar a cultura dos holandeses na época e suas políticas governamentais durante o período onde se estabilizaram no Brasil, motivações e justificativas de sua entrada e saída do território conquistado também serão analisadas. Por fim, concluindo-se que, com todos esses acontecimentos vividos pelo nosso país, deixa-se uma marca no território nordestino brasileiro, onde pessoas e cidades ainda retratam esse legado estrangeiro.

Palavras-chave: Invasões holandesas. Guerra dos Países Baixos. Cultura holandesa. Reflexos holandeses no Brasil.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	QUESTÃO HISTÓRICA	10
3	INVASÃO HOLANDESA	13
4	REFLÉXOS E HERANÇAS HOLANDESAS	15
5	CONCLUSÃO	17
	REFERÊNCIAS	19
	ANEXO A – SEMELHANÇAS DAS CIDADES DE RECIFE E AMSTERDAM (HOLANDA)	21
	ANEXO B – TABELA CRONOLÓGICA DOS ACONTECIMENTOS DURANTE OS ANOS	22
	ANEXO C – FORTE ORANGE	24

1 INTRODUÇÃO

A motivação para este estudo se deu a partir de um grande gosto da cultura e história holandesa, e como tiveram influência na cultura brasileira através da invasão no nordeste, procurei estudar os contextos históricos nas relações entre Brasil e Holanda naquela época, meados do século XVII.

Este projeto tem por objetivo mostrar como a invasão holandesa no nordeste brasileiro contribuiu para uma ligação entre Holanda e Brasil, tratando de questões como o motivo que levou a Holanda invadir o nordeste brasileiro, quais as consequências culturais de tal invasão e o motivo do declínio do governo holandês na Nova Holanda. Tendo em vista apontar os interesses holandeses na invasão do Brasil, relacionar a União Ibérica com a invasão holandesa no Brasil, analisando as questões históricas que levaram a essa invasão e a tal conquista.

Para dar início ao estudo sobre as invasões holandesas, nada mais pertinente do que explicar um pouco sobre o processo de colonização do país. Mesmo não sendo o objeto de estudo, mostrar em qual situação se encontrava o Brasil Colônia no momento da invasão é também importante para entender quais eram as relações mantidas entre Brasil, no caso Portugal como sua metrópole, e Holanda.

A situação social de Portugal no século XVII pode explicar algumas características da colonização brasileira da época. A nobreza continuou forte até o início do século XVIII; seu setor mais tradicional vivia ao estilo de suas congêneres espanhola e francesa, isto é, da renda da terra. Já o setor moderno, vinculado à burocracia do comércio, investia nas atividades mercantis e na manufatura, acompanhando até certo ponto o modelo inglês e holandês. Em Portugal, o grande comércio era controlado sobretudo por estrangeiros. (...) Fortemente pressionado pela hostilidade espanhola à sua independência, Portugal buscou alianças internacionais com Holanda e Inglaterra, tradicionais rivais da Espanha.

(WEHLING, 2005 – p. 105)

Durante o trabalho, o capítulo que segue esta parte introdutória dará mais detalhes sobre esta organização comercial entre Portugal e Holanda e sua historicidade. Mas ainda, visando esclarecer melhor como os neerlandeses se inserem nesse cenário mundial, tendo em vista que eram subordinados à Espanha, cabe a esta parte também mostrar que país é esse – “Holanda” – e suas principais atividades durante seu período de ascensão até a decisão de invasão no nordeste brasileiro.

Os Países Baixos (atuais Bélgica, Holanda e parte do norte da França), desde a segunda metade da Idade Média, constituíram-se numa região de grande prosperidade econômica, cujas manufaturas têxteis desfrutavam inigualável reputação internacional. Formou-se, assim, nos Países Baixos, uma poderosa burguesia mercantil, uma das mais progressistas da Europa. Os Países Baixos eram possessões dos Habsburgos e tinham grande autonomia no reinado de Carlos V (pai de Filipe II). Suas tradições e interesses econômicos locais eram respeitados. Essa situação se alterou profundamente com a ascensão de Filipe II, que herdou do pai o trono espanhol e os Países Baixos.

(KOSHIBA, 2003 – p. 85)

Como explica Luiz Koshiba, o momento crucial para a eclosão de revoltas e movimentos por independência na Holanda é na ascensão de Filipe II, pois ele dá fim à tolerância religiosa e desconsidera a partir de então toda aquela autonomia que ela detinha durante o governo de seu pai.

O protestantismo tinha polarizado o mundo cristão no século XVI, provocando intermináveis conflitos entre católicos e protestantes. Nos Países Baixos, em razão do predomínio burguês, difundiu-se rapidamente o calvinismo, ao passo que a Espanha mantinha-se profundamente católica. Filipe II era considerado o mais poderoso e o mais devotado monarca católico e um rei absolutista. O novo monarca pôs fim à tolerância religiosa e substituiu os governantes nativos por administradores espanhóis de sua confiança, subordinando os Países Baixos diretamente à Espanha e anulando a autonomia que possuíam.

(KOSHIBA, 2003 – p. 85 e 86)

Depois de anos de conflitos, sob a liderança do príncipe holandês Guilherme de Orange – assassinado em 1584, levando a criação de um Conselho Nacional – nasceram as *Províncias Unidas dos Países Baixos* ou *República da Holanda*.

Em sua luta contra a Espanha, a Holanda foi apoiada ativamente pela Inglaterra. Assim, devido à tenaz resistência holandesa e à ampliação do conflito, a Espanha aceitou finalmente uma trégua - a Trégua dos Doze Anos (de 1609 a 1621) –, que foi, na prática, o reconhecimento da independência da Holanda. Formalmente, a Espanha reconheceu a independência da Holanda em 1648.

(KOSHIBA, 2003 – p. 86 e 87)

Após esclarecer a formação neerlandesa e retomando a parte introdutória da invasão, cabe mostrar que esta foi mal sucedida em sua primeira tentativa em Salvador (1624-1625), mas foram amplamente recompensados na segunda tentativa em Pernambuco (1630-1654), pois foi efetivada e se instalou por um bom tempo. Esta foi

financiada pela apreensão de um dos maiores carregamentos de prata americana que seriam levados até a Espanha.¹

Na primeira metade do século XVII, a Holanda, buscando uma base para as operações de sua armada no Novo Mundo, volta suas vistas para o Brasil, visando estabelecer-se sobretudo em Salvador, Rio de Janeiro ou Olinda. Salvador foi inicialmente escolhida como base de ataque às frotas da Espanha e de Portugal, e etapa na rota para as Índias Orientais. Em 1623 uma frota, financiada pela Companhia das Índias Ocidentais e comandadas pelos almirantes Jacob Willeken e Pieter Heyn invade a capital da Bahia. Expulsos no ano seguinte, os almirantes holandeses retornam à pirataria e, no Mar das Caraíbas, apresa a rica Frota da Prata, do reino de Espanha, obtendo recursos suficientes para a tomada de Pernambuco em 1630.

(SILVA, 2001 – p. 115 e 116)

O primeiro capítulo irá tratar dos processos e o contexto histórico que envolveram e levaram os holandeses a efetivar um ataque a costa nordestina, fazendo um estudo sobre o que foi a União Ibérica e sua influência direta na decisão de invadir o país.

O segundo capítulo irá apontar uma das bases que sustenta esta pesquisa, detalhando a invasão no seu momento de ápice até o seu declínio em 1654. E ainda, mostrar como e quais as políticas empregadas durante o período no qual ficaram instalados no país.

O terceiro e último capítulo é a parte mais importante deste trabalho, pois, após ter trazido alguns fatos históricos que marcaram a história do país, irá mostrar quais foram as influências culturais deixadas pelos invasores e de que maneira evidenciam essa marca cultural neerlandesa até os dias atuais.

¹ Esta apreensão foi uma via encontrada de financiar um novo ataque para invasão do nordeste brasileiro, visto que, com o fracasso da invasão na Bahia, foi um duro golpe financeiro. Assim, considerando tal feito de extrema importância para efetivação do ataque, permitindo capital suficiente para sustentar a nova invasão.

2 QUESTÃO HISTÓRICA

Nos antecedentes a invasão, um acontecimento que foi crucial para que sucedesse a invasão holandesa foi a chamada União Ibérica (1580-1640). Este nome foi dado à união dos países da Península Ibérica, Espanha e Portugal. Após a morte do então rei português D. Sebastião, o herdeiro mais próximo ao trono seria seu tio D. Henrique I, porém como já estava com 70 anos de idade, veio a falecer após dois anos de reinado. Os seguintes que teriam direito a herança foram os três netos de um antigo rei que já havia deixado seu governo local antes mesmo de D. Sebastião: a duquesa Catarina, D. Antônio e Filipe II, sendo o último já rei do país vizinho, a Espanha. Como a maioria dos membros do Conselho de Governadores do Reino de Portugal apoiaram Filipe, este foi levantado como herdeiro legal do trono, levando assim a união das nações em apenas um governo para as tomadas de decisões no âmbito internacional.

Portugal, através da colônia brasileira, era um dos principais fornecedores de cana-de-açúcar na Europa, onde a Holanda inclusive era um grande refinador dessa matéria-prima. Ambos os países mantinham um acordo comercial em relação à exportação da cana-de-açúcar.

The relations between Portugal and the county of Holland in the late medieval period offer an interesting case, when we look at the first phase of the establishing of an image in the North of a possible southern partner. These relations are a hardly explored field of historical research. This may be explained by the fact that until the end of the sixteenth century commercial relations between the Netherlands and their “outer world” (...) Yet, already towards the end of the fourteenth century initiatives were taken to attract Portuguese merchants to Holland as part of a general policy to make the economy of Holland profit more from the Hanseatic commercial network.

(BOER, 2012 – p. 2 e 3)

Entretanto, a Holanda possuía uma rivalidade com a Espanha que é justificada pelo fato da mesma já ter sido colônia espanhola, logo, haveria uma série de reflexos pós-independência.

A incorporação de Portugal à Espanha em 1580 alterara o aspecto econômico e político europeu, em face da definição franca das rivalidades. Quando o rei da Espanha operou a conquista da coroa portuguesa e os inimigos de Castela passaram a ser de Portugal, caindo todas as possessões tropicais sob o domínio espanhol, apresentou-se, de pronto, um início de hostilidades, que culminaria nas dificuldades do tradicional tráfego entre os Estados Gerais e a sua farta e antiga freguesa ibérica, com a Holanda dominada agora por uma ávida emporiocracia, passando a combater o comércio e a navegação luso-espanhola em todos os mares.

(GUERRA, 1977 – p. 16)

Com a união dos países ibéricos, a Espanha ordenaria que o fornecimento de cana a Holanda fosse cortado, o que geraria um enorme ataque e prejuízo a uma das suas principais fontes de economia. Então, para não depender mais de Portugal, agora unido a Espanha, a Holanda viu a possibilidade de invadir o território brasileiro para dominar o seu próprio fornecimento de matéria-prima, refiná-la e vendê-la para toda a Europa, não afetando, assim, na sua economia. Isso de certa forma ainda acabou sendo um golpe a Espanha, em retaliação a Guerra dos Países Baixos² (1568-1648) na qual a Holanda conseguiu se tornar independente da Espanha.

Apesar do caráter inegavelmente político, o projeto de conquistar a área do Brasil, onde o açúcar era fabricado, desembarcando ali um exército de ocupação e uma população civil composta de voluntários de diversas nacionalidades, foi o empreendimento de uma companhia comercial financiada por acionistas seduzidos pelos lucros proporcionados pela WIC¹. O motivo principal da guerra residia no empenho das Províncias Unidas dos Países Baixos em se livrar da antiga submissão ao rei da Espanha (que, na época, também reinava em Portugal).

¹Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (em holandês: *West-Indische Compagnie* ou *WIC*).

(PAPAVERO, 2010 – p. 138)

E assim foi feito. A Holanda chega com um batalhão de tropas marítimas para invadir a colônia portuguesa. Em 1624, ela entra em confronto com a guarda do litoral no nordeste brasileiro, mais precisamente em Salvador – berço do Brasil e o lugar central na produção do açúcar – na tentativa de conquistar o que eles nomearam de a

² A Guerra dos Países Baixos foi a guerra na qual a Holanda conseguiu, após 80 anos de conflitos, conquistar sua independência da Espanha. Os Países Baixos (atuais Holanda, Bélgica e parte do norte da França) pertenciam ao império espanhol, e enquanto reinava Carlos V, as tradições e interesses econômicos eram respeitados. Mas com a ascensão de seu filho Filipe II, a situação muda drasticamente, onde pôs fim a tolerância religiosa nos Países Baixos. Altos impostos, desemprego e temores da perseguição católica contra os calvinistas criaram uma perigosa oposição, criando conflitos intensos até que entre 1609-1621 é acordada a Trégua de Doze Anos, que foi na prática, o reconhecimento da independência da Holanda, formalmente reconhecida pela Espanha em 1648.

Nova Holanda. Porém, devido ao desconhecimento do território dentre outros fatores, a guarda portuguesa conseguiu expulsá-los no ano seguinte, reconquistando a cidade.

Cinco anos após a primeira invasão, em 1630, os holandeses formaram um novo exército para tentativa de conquistar a colônia, desta vez não mais em Salvador, mas em Recife. Pelo mesmo motivo da primeira invasão, o exército invasor poderia ter sido expulso. Mas com um contingente maior de soldados e contando com a traição de alguns soldados portugueses – que revelavam as estratégias de defesa por parte da guarda local –, os neerlandeses enfim conquistaram o território tão desejado, governando e moldando a cidade aos padrões de sua cultura por cerca de 24 anos.

3 INVASÃO HOLANDESA

Depois de efetivada a conquista do nordeste brasileiro, para organizar os domínios holandeses, foi enviado como governador geral João Maurício de Nassau-Siegen. Ele se preocupou em administrar as produções açucareiras, onde a ampliação da área de cultivo e a introdução de novas técnicas contribuíram para o crescimento produtivo nas lavouras; manter a segurança bem estruturada e buscar uma conciliação com os luso-brasileiros. Para isso, Nassau implementou algumas medidas: a concessão de créditos aos senhores de engenho, investimentos em obras urbanas e a tolerância religiosa.

pois ao chegar no Brasil, os luso-brasileiros impuseram uma resistência, como foi o caso de serem repelidos na primeira tentativa, continuando na segunda, e tudo isso fez com que diminuísse essa resistência.

Seis anos depois da conquista de Pernambuco, o Conselho dos XIX da Companhia das Índias Ocidentais convidou para ocupar a função de Governador-Geral um jovem coronel do exército da União, Conde João Maurício de Nassau-Siegen. Alemão, nascido em Dillenburg a 17 de agosto de 1604, João Maurício era o filho primogênito do Conde João VII e de sua segunda esposa Margarida von Holsrein-Soderborg, uma parenta da família real da Dinamarca. Quando o Conde João Maurício de Nassau aportou em Pernambuco, na qual idade de Governador do Brasil Holandês, em 23 de janeiro de 1637, trazia em sua comitiva não um exército, à moda dos colonizadores de então, mas uma verdadeira missão artística e científica que ainda hoje desperta as atenções dos estudiosos daquele período.

(SILVA, 2001 – p. 117)

Nassau consolidou e expandiu as conquistas holandesas. Ocupou todo o litoral até o Maranhão e, para assegurar o abastecimento de escravos nos engenhos, conquistou uma pequena parte territorial na África – que inclusive era outra colônia de Portugal, Angola.

Sua administração foi favorecida pelo Tratado de Haia³ (1641-1651) assinado pelos dois países. A partir dessa condição, Nassau procurou se aproximar da população local, principalmente dos donos das lavouras de açúcar, financiando a reconstrução de engenhos a juros baixos, garantindo os preços do açúcar e o fornecimento de escravos.

³ Mais conhecida como a Trégua dos 10 Anos, o Tratado de Haia foi assinado, como já faz menção seu próprio nome, para ser estabelecido um cessar-fogo por 10 anos entre Portugal e Holanda. Isso foi devido ao fato de, em 1640, os holandeses apoiarem os portugueses no movimento da Restauração, encerrando o domínio espanhol.

Em função desses benefícios, houve um aumento considerável na produção do açúcar. Além disso, Nassau garantiu uma justiça mais igualitária, a liberdade de culto – os holandeses eram calvinistas protestantes. O Recife foi modernizado e uma série de realizações marcaram sua atuação no terreno cultural, como a criação do Observatório Astronômico.

A política de Nassau, entretanto, entrou em choque com os interesses da W.I.C. (Companhia Holandesa das Índias Ocidentais), a qual considerava sua administração muito cara e personalista. Pressionado, o governador acabou se demitindo em 1643.

Após a saída de Nassau do governo da Nova Holanda, os negócios e toda a liberdade concedida por ele foram cortadas nas relações com os luso-brasileiros. Assim, começaram a despertar várias revoltas e a mais famosa delas a chamada Insurreição Pernambucana, que acabou por expulsar de vez os invasores da colônia.

Quando se soube da insurreição chefiada por Fernandes Vieira, logo determinaram de fazê-la declaradamente. Assim, no passo do rio de Ipojuca, estando três barcos dos holandeses à espera das cargas de açúcar, farinha e outras drogas dos holandeses e judeus para partirem para o Recife, a dada altura Manuel Miranda discutiu com um judeu sobre os seus negócios e a discussão degenerou em luta de que morreu o judeu; acudiram reforços de parte a parte e a luta continuou com baixas para judeus e holandeses. A seguir, treze neerlandeses se renderam; este foi juntando toda a gente que era idónea para tomar armas, uns com armas de fogo, outros com paus tostados, outros ainda com facões e dardos, prepararam-se para se defender caso os viessem buscar.

(PEREIRA, 2004 – p. 9)

4 REFLEXOS E HERANÇAS HOLANDESAS

Depois de passarem 24 anos no comando de uma das províncias brasileiras mais prósperas, fica evidente que um retrato cultura da holandesa seria deixado por eles naquela época e, algumas, remanescentes até hoje. Mas, algumas questões acabam surgindo durante todo o estudo apresentado nesse trabalho: Seria melhor uma colonização holandesa do que a portuguesa? Por que o povo local engrandece um invasor? Perguntas como essas são feitas na tentativa de compreender o porquê de determinadas regiões se encontrarem em condições precárias, tendo em vista que há o enaltecimento da visão neerlandesa – europeia – de mundo.

Uma marca do governo holandês foi remodelação de Recife, onde Nassau estimulou a vinda de artistas, naturalistas, homens de ciência e teólogos. Isso trouxe um grande conteúdo cultural para o nordeste principalmente, onde pintores como Frans Post que retratou cidades, engenhos e portos e um que merece destaque: Piet Post, que projetou a Cidade Maurícia, considerada como por estar localizada no coração da moderna cidade de Recife, que atualmente ainda existe e é uma cidade marcada por descendências holandesas.

As semelhanças estruturais do Recife com a Holanda são evidentes até hoje. Apesar da posterior ocupação portuguesa ter destruído muita coisa, ainda restam - mal conservados - casarões, principalmente no Centro Antigo do Recife, que se assemelham as típicas casas holandesas. Os rastros e a lembrança desse Doce período holandês ficaram, e a luta para não serem esquecidos é árdua.

(Disponível em <http://www.entretulipas.com/2010/09/sweet-dutch-brazil-ou-doce-brasil.html>)

Anteriormente a invasão, o território brasileiro era reconhecido mundialmente como um lugar selvagem, de pessoas não civilizadas, tomado por florestas – o que caracteriza um território desconhecido – e uma primitiva forma de organização das cidades. Após a chegada desses artistas e pintores, outra imagem do Brasil começou a ser formada. Eles começaram a retratar um país de belezas naturais nunca reconhecidas em outras partes.

A herança das invasões holandesas no Brasil também vai além da influência na economia e nas artes, a mestiçagem de culturas, onde muitos militares holandeses

casaram-se oficialmente com mulheres luso-brasileiras e nos proporcionaram uma mistura étnica entre os povos, bem como influência de dogmas calvinistas, marcas da religiosidade holandesa.

Aponta para a presença nessas superfícies cartografadas de superposições de técnicas de impressão ou de informações diversas inseridas que transformam os mapas em pinturas e as pinturas em mapas. Analisa o acréscimo, com arte e ciência, de estudos de flora, fauna e costumes estrangeiros ou de brasões, cártulas, alegorias, textos explicativos e retratos de cidades sobre a superfície dos mapas, tornando visível e acessível para o conhecimento registros de coisas distantes - O exemplo que examina é aquele da obra dos artistas de Maurício de Nassau produzida no Brasil Holandês.

(PAPAVERO, 2000 – p. 241)

Nassau, visando reduzir os conflitos internos e recuperar o bom desenvolvimento dos engenhos na produção do açúcar, instituiu uma tolerância nas relações entre brasileiros e holandeses, o que contribuiu de fato para que a cidade se desenvolvesse e gerasse o lucro esperado Companhia. Como dito anteriormente, após a retirada de Nassau do comando da cidade, todos os benefícios oferecidos foram sendo deixados de lado e assim começam os conflitos os quais determinaram a saída dos invasores por definitivo.

Após terem sido expulsos do território brasileiro, o exercito português tratou de destruir ou remodelar as construções neerlandesas aos seus padrões de cidade, se perdendo alguns desses valores históricos. Porém, algumas estruturas (plantas da cidade, pontes e várias casas) ainda permanecem com as características que marcam essa cultura.

Um exemplo ainda remanescente é o *Forte Orange* localizado na Ilha de Tamaracá, litoral norte de Pernambuco:

O Forte Orange possui uma estrutura arquitetônica das mais belas e seguras de todos aqueles que foram edificados no período colonial. Seus quatro baluartes permitiam a segurança em todas as direções, quer a ameaça fosse por terra ou por mar. Protegia o acesso ao embarque e ao desembarque de navios que se destinavam aos portos de Igarassu e Vila da Conceição, cujo nome veio a ser mudado para Vila Schkoppe. Era cercado por uma estavada de alvenaria de pedra bruta, situada em posição estratégica, dominando todo acesso as duas importantes povoações. Seu armamento constava de 25 peças de diferentes calibres.

(TEIXEIRA, 2007 – p. 55)

5 CONCLUSÃO

Para as considerações finais, será necessário retomar um objetivo crucial para o desenvolvimento do trabalho: o legado cultural deixado pelos holandeses para os dias atuais do Brasil, mesmo tendo passado 360 anos após a sua expulsão no período colonial.

Com todos esses acontecimentos discutidos, pode-se dizer que dentre as invasões empreendidas pela Holanda deixaram uma marca no território colonial brasileiro. Tal intensidade fez com que até se duvidasse sobre o nordeste: Português ou Holandês? Depois de se manterem cerca de trinta anos no domínio das terras do nordeste, é evidente que a cultura tenha sofrido uma grande influência holandesa, fazendo com que até os dias atuais, pessoas e cidades tenham um retrato histórico da marca neerlandesa.

Até o fim do seu governo, em 1644, o príncipe Maurício de Nassau contribuiu determinadamente para a instalação e desenvolvimento cultural, com o objetivo visionário de transformar Recife numa capital moderna, a qual chamaria Mauritsstadt. Como exemplo, podemos citar que Nassau introduziu métodos aperfeiçoados de cultivo de cana-de-açúcar e de fumo (Agricultura); drenou terrenos, construiu canais, diques, pontes, palácios (Arquitetura e Urbanização); construiu jardins, museus e um observatório astronômico (Ciência). Além disso, Nassau, de formação erudita e humanística, fomentou comitivas de artistas, cientistas e intelectuais em geral, donde se encontraram nomes como os do artista plástico e botânico Albert Eckhout, do pintor Frans Post, do geógrafo e cartógrafo Georg Markgraf, do médico Willem Piso e do escritor Gaspar Barleus.

(Disponível em <http://literaturaemanalise.blogspot.com.br/2007/08/instalao-da-cultura-holandesa-no-brasil.html>)

Mais uma questão curiosa a se tratar foi a herança do nome/sobrenome *Vanderlei* ou *Van der ley*. O documentário “Doce Brasil Holandês” dirigido e produzido por Monica Schmiedt mostra, de forma muito rica, como vivem esses “Wanderleys”, resgatando histórias contadas pelo povo local e estudos apresentados por diversos historiadores sobre o assunto.

Os holandeses invadiram e tentaram colonizar o Brasil no século 17. Dos 24 anos que ficaram no país, sete estiveram sob o governo do alemão/holandês João Maurício de Nassau. Até hoje, aquela época é lembrada como melhor que a atual. Mas porque um povo teria saudade de um invasor? Unidas por um sobrenome comum, duas historiadoras, a brasileira Kalina Vanderlei e a alemã Sabrina van der Ley, se encontram no Recife e exploram o mito que se criou acerca desse curtíssimo período da história brasileira, status esse, que se estende ao sobrenome Wanderley, por remeter a “época dourada” em que o

Brasil foi holandês. Juntas, Sabrina e Kalina desvendam Maurícia - atual Recife - a cidade planejada construída por Nassau, que tinha um observatório astronômico e a maior ponte do novo mundo. Discutem o legado artístico e cultural deixado por Nassau para entender o porquê dessa nostalgia. Maurício de Nassau é definido por alguns moradores do Recife como “o melhor prefeito que a cidade já teve”. Maurício de Nassau é definido por alguns moradores de Recife como “o melhor prefeito que a cidade já teve”

(Disponível em
<http://www.naometoquers.com.br/web/?menu=news&id=1318>)

Sendo assim, a análise que pode ser feita parte do seguinte ponto: cultura. Enfim, conclui-se que a cultura apresentada nos dias atuais, além da própria mestiçagem do povo de Recife – característica da cultura brasileira –, fez parte claramente de uma ligação entre Brasil e Holanda que vai desde o período colonial mostrando sua relevância na história do país.

REFERÊNCIAS

PAPAVERO, Claude Guy. Alegrias e desventuras do paladar: A alimentação no Brasil Holandês. Campinas, 2010.

PAPAVERO, Claude Guy. A arte de descrever: a arte holandesa no século XVII. São Paulo, 2000.

KOSHIBA, Luiz. História do Brasil no contexto da história ocidental. São Paulo, 2003.

WEHLING, Arno. Formação do Brasil colonial. Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Leonardo Dantas. Brasil Holandês: os caminhos do conhecimento. Recife, 2001.

TEIXEIRA, Paulo Roberto Rodrigues. Forte Orange. Rio de Janeiro, 2007.

MELLO, Evaldo Cabral de. Olinda Restaurada - guerra e açúcar no nordeste, 1630-1654. Rio de Janeiro, 1998.

MELLO, Evandro Cabral de. O Brasil Holandês (1630-1654). São Paulo, 2010.

Sinopse. Disponível em:

<<http://www.naometoquers.com.br/web/?menu=news&id=1318>> Acessado em 26/01/2014

A Instalação da Cultura Holandesa no Brasil. Disponível em:

<<http://literaturaemanalise.blogspot.com.br/2007/08/instalao-da-cultura-holandesa-no-brasil.html>> Acessado em 26/01/2014

Maurício de Nassau, o brasileiro. Disponível em:

<<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/mauricio-nassau-brasileiro-433685.shtml>> Acessado em 04/07/2013

Domínio Holandês: perdas e ganhos. Disponível em:

<<http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccultura/fccr/historia/cap3/textos.html>> Acessado em 24/01/2014

Sweet dutch Brazil ou Doce Brasil holandês? Disponível em:

<<http://www.entretulipas.com/2010/09/sweet-dutch-brazil-ou-doce-brasil.html>>

Acessado em 31/07/2013

BOER, Dick E. H. de. On the kings of Portugal, or how an image of a far-away region came to be established in Holland. Groningen (Holanda), 2012.

PEREIRA, José Geraldo Barbosa. A Insurreição pernambucana de 1645. Rio de Janeiro, 2004.

ANEXOS

Anexo A – Semelhanças das cidades de Recife e Amsterdam (Holanda)



Recife



Amsterdam

Anexo B – Tabela cronológica dos acontecimentos durante os anos

Presença marcante - Foram apenas 24 anos, mas a invasão dos holandeses deixou marcas indeléveis no Recife	
ANO	ACONTECIMENTO HISTÓRICO
1598	Os holandeses atacam as ilhas de São Tomé e Príncipe, na África, dando início à guerra contra o império ultramarino português.
1602	Fundada a Companhia das Índias Ocidentais.
1604	Nascimento de Nassau.
1624	Soldados da Companhia atacam a cidade de Salvador, na Bahia. São expulsos no ano seguinte.
1630	Olinda e logo em seguida o “povo” do Recife são tomados.
1631	Em 24 de novembro, a cidade de Olinda é incendiada.
1632	Temendo ser punido por furto, Calabar muda o rumo da expansão holandesa ao passar para o lado dos “hereges”.
1636	Os holandeses dominam o Nordeste da foz do Rio São Francisco até o Rio Grande do Norte.
1637	Empossado o governador da Nova Holanda, o conde Maurício de Nassau-Siegen. Nassau ataca São Jorge de Mina, na África. Pernambuco recebe 1580 escravos.
1638	Nassau tenta, em vão, a reconquista de Salvador.
1639	Iniciada a construção do Palácio de Friburgo, casa e jardim zoobotânico de Nassau.
1641	A Companhia já dominava sete das 14 capitais do Brasil, as regiões da Guiana, e as ilhas de Curaçao e Aruba, além do comércio de peles feito pelo Rio Hudson, na América do Norte.
1644	Nassau inaugura a primeira ponte da América Latina. Nassau deixa o Recife, levando sua coleção de pinturas, vendidas, posteriormente, talvez para pagar as contas da construção de seu palácio, em Haia.
1645	Os luso-brasileiros têm o Recife isolado, sem acesso aos alimentos produzidos na zona rural.

1646	Holanda manda reforços para Pernambuco.
1647	Rebeldes luso-brasileiros controlam o interior do Nordeste. Os holandeses dominam as entradas por mar. Do Forte do Bom Jesus (hoje bairro de Casa Forte), o burgo do Recife é bombardeado sem cessar.
1649	Em 19 de fevereiro, começa a Batalha dos Guararapes. Mais de mil soldados morrem no confronto com rebeldes luso-brasileiros. A data é considerada o marco do início da existência do Exército brasileiro.
1653	Portugal bloqueia o Porto do Recife. Em 27 de janeiro do ano seguinte, a tropa da Companhia das Índias Ocidentais rende-se.
1654	Saída de Recife

Anexo C – Forte Orange



“Dentro da barra da ilha de Itamaracá apresenta-se em primeiro lugar o forte Orange, situado sobre um baixo de areia separado de terra firme por uma angra que é vadeável, de baixa mar. Este forte domina a entrada do porto, visto que como os navios que entram têm que passar por diante dele a tiro de arcabuz...”

Breve discurso de Maurício de Nassau, em 14 de janeiro de 1638.